

Resiliência e idosos: Revisão da produção acadêmica brasileira, 2000-2015*

Resilience and the elderly: A review of the Brazilian academic production, from 2000 to 2015

Resiliencia y los mayores: revisión de la producción académica brasileña, 2000-2015

Mariana Costa do Nascimento
Geiva Carolina Calsa

RESUMO: Objetivou-se investigar a produção científica brasileira sobre os temas resiliência e idosos nos últimos quinze anos – 2000 a 2015, em que encontramos doze trabalhos sobre o tema. A maioria dos trabalhos considera o desenvolvimento dos recursos de resiliência relevantes para o idoso lidar com as adversidades do envelhecimento de maneira saudável. Insiste-se na importância da formação de redes e espaços de apoio que ofereçam segurança e estabilidade e fortaleçam os idosos em sua autonomia física, intelectual e afetiva.

Palavras-chave: Educação; Idoso; Resiliência.

ABSTRACT: *It was aimed to investigate the Brazilian scientific production on resilience issues and the elderly in the last fifteen years - from 2000 to 2015 in which it was found twelve studies on this matter. Most of these studies consider the development of relevant resiliency features for the elderly face the adversities of aging healthily. It is emphasized the importance of support network and spaces that offer security and stability and strengthen the elderly in their physical, intellectual and emotional autonomy.*

Keywords: *Education; Elderly; Resilience.*

* Parte deste artigo foi anteriormente apresentado na comunicação oral do XIII Seminário de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Educação (agosto de 2015). O texto refere-se a um recorte de nossa dissertação de mestrado intitulada *A tomada de consciência como possibilidade de proteção dos idosos: uma experiência pedagógica com o jogo Quarto na UNATI/UEM*, defendida em 15 de fevereiro de 2016, por meio do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá, PR e sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Geiva Carolina Calsa.

RESUMEN: *Este estudio tuvo como objetivo investigar la producción científica brasileña, en temas de resiliencia y de las personas mayores en los últimos quince años - 2000-2015, en los que se encontraron doce estudios en la materia. La mayor parte del trabajo tiene en cuenta el desarrollo de las funciones de resistencia relevantes para las personas mayores frente a las adversidades de envejecer con buena salud. Se insiste en la importancia de las redes de apoyo y los espacios que ofrezcan seguridad y estabilidad y fortalecen los ancianos en su autonomía física, intelectual y emocional.*

Palabras clave: *Educación; Personas Mayores; La resiliencia.*

Introdução

O aumento mundial da população idosa tem levado pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento (dentre elas, medicina, biologia, educação, psicologia, sociologia, antropologia) a investigarem o tema velhice. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2015), a população com mais de 60 anos deve passar de 14,9 milhões (7,4% do total), em 2013, para 58,4 milhões (26,7% do total), em 2060. Neste período, a expectativa média de vida do brasileiro deve aumentar dos atuais 75 anos para 81 anos. Estimativas do IBGE, publicadas em 2015, indicam ainda a inversão da pirâmide etária até 2050.

Ao encontro desses dados, Codo (2012) afirma que o aumento da expectativa de vida está relacionado aos avanços da medicina, melhorias de condições de saneamento, diminuição da taxa de natalidade, prática de atividades físicas dos idosos, dentre outros fatores. O estudo realizado por Venturi, & Bokany (2007, p. 27) revelou que a situação do idoso hoje no Brasil é melhor do que há 20 ou 30 anos, no que se refere aos aspectos legais e sociais. Os argumentos para esta “[...] percepção de melhora remete a alguns novos direitos, como a conquista da aposentadoria, gratuidade dos transportes, o atendimento preferencial em filas e a promulgação do Estatuto do Idoso”.

Apesar dos avanços legais para a população idosa, observa-se que muitos são os obstáculos a serem vivenciados pela terceira idade. Dentre as adversidades que permeiam o processo de envelhecimento, pode-se citar a morte de familiares e/ou de amigos, declínio da saúde e funcionalidade física, perda de *status* social e proximidade crescente da morte. que se tornam mais intensas com o avanço da idade.

Sobre essas discussões, Maia, & Ferreira (2011) alertam que as várias perdas (de entes queridos, do corpo jovem, do respeito dos outros) vivenciadas na velhice podem afetar o bem-estar psicológico dos idosos. “Porém, há recursos e potencialidades existentes na velhice que podem se constituir em um mecanismo multideterminado e mediador nesse processo de envelhecimento” (p. 120).

Dentre as estratégias das quais os idosos podem valer-se para enfrentar as adversidades do processo de envelhecimento é destacada a resiliência. Em linhas gerais, a resiliência está intimamente ligada à capacidade de a pessoa se valer de recursos internos para enfrentar adversidades, no caso do idoso, as decorrentes de seu processo de envelhecimento – físicas, emocionais, familiares, profissionais (Gomes, 2010; Patrocínio, 2010; Vieira, 2010).

Diante dos desafios a serem enfrentados pelos idosos e diante da necessidade de estratégias para lidar com suas dificuldades, objetiva-se investigar na produção acadêmica brasileira, entre 2000 a 2015, trabalhos que relacionam resiliência e velhice. Entende-se que estudos nesta área se tornam necessários, uma vez que a população idosa vem crescendo em nosso país e tem-se tornado alvo de estudo de pesquisadores de diversas áreas (psicólogos, educadores, profissionais da área da gerontologia e da saúde, dentre outros). Em especial, destaca-se a importância em discutir sobre o conceito resiliência, pois este se relaciona à capacidade de autonomia dos idosos em criar estratégias para enfrentar as dificuldades do cotidiano de forma saudável para si mesmos.

Estudos como os de Poletto e Koller (2011) indicam que o uso do termo resiliência data de 1807, quando Young a define como a capacidade dos materiais de absorver energia, sem sofrer deformação plástica permanente. Essa definição inicialmente foi difundida pela Física e na Engenharia e ao longo dos anos passou a ser transposta para outras áreas do conhecimento: saúde, psicologia e educação.

Na área da saúde, as discussões sobre resiliência desenvolveram-se a partir da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), relacionadas à flexibilidade e capacidade de regeneração de pessoas que sofreram situações traumáticas durante o conflito. Posteriormente, com o desenvolvimento de pesquisas na área, o conceito ganhou definições mais claras, referindo-se à capacidade do indivíduo em lidar com a doença, aceitando suas limitações e readaptando-se de forma positiva (Souza, & Cerveny, 2006).

Nas Ciências Humanas, em especial na Psicologia e na Educação, os estudos sobre resiliência começaram a ser desenvolvidos a partir de 1870, constituindo-se como tema de congressos científicos, contudo, somente no século XX.

Nessa área, a resiliência é relacionada à capacidade de enfrentamento das dificuldades encontradas pelos indivíduos em seus campos de atuação, ou seja, aos seus modos de lidar com as adversidades da vida.

A partir daí, a Psicologia do Desenvolvimento passou a investigar os processos e situações que levam as pessoas a enfrentar e superá-las com êxito. Entre as repercussões dessas pesquisas, emerge maior atenção às potencialidades e habilidades dos indivíduos que podem ser desenvolvidas para o enfrentamento de desafios da vida diária (Taboada, Legal, & Machado, 2006; Libório, Castro, & Coêlho, 2011).

Dessa forma, como afirmam Taboada, Legal e Machado (2006, p. 105), discutir um conceito relativamente novo como a resiliência, ainda em desenvolvimento, obriga pesquisadores a tomarem cuidado na precisão dos conceitos utilizados. Isso porque “[...] trazer um conceito das ciências físicas, que possuem uma idiossincrasia diferente das ciências da saúde, requer alguns cuidados”, pois a definição de resiliência, não é clara e tampouco precisa como na Física e na Engenharia.

Em geral, a literatura tem citado três dificuldades teóricas e metodológicas para a produção de conhecimentos sobre resiliência nas Ciências Humanas, incluindo-se a área da Educação. A primeira é privilegiar a concepção de resiliência como traço da personalidade de um indivíduo, o que tenderia a naturalizá-la e cristalizá-la. A segunda deve-se à grande quantidade de variações que o conceito de resiliência tem assumido (fator de risco, de proteção, de estresse, adaptação, superação, ajustamento, *coping*, entre outros); enquanto a terceira barreira está relacionada ao fato de que no Brasil ainda existem poucas pesquisas sobre o tema. A seguir procuramos esmiuçar cada problema.

A compreensão de resiliência como traço da personalidade remete-se ao ano de 1969, com Bowlby que, em sua obra, associa-a à teoria que ele vai postular sobre apego (1984). Desde essa época, tal sentido atribuído pelo autor ganhou grande difusão, perdurando em alguns estudos até os dias de hoje. Para Bowlby, o desenvolvimento desse traço de personalidade está associado às experiências de apego da criança com a mãe, pai ou outros adultos, rejeições, separações e perdas (Libório, Castro, & Coêlho, 2011). Assim, a maneira pela qual a pessoa responde a eventos adversos depende de como se desenvolveu sua personalidade (Bowlby, 1969).

Contrários à posição de Bowlby (1969), Taboada, Legal, & Machado (2006) defendem que a resiliência não deve ser entendida como permanente ou inerente à personalidade do indivíduo, mas como circunstancial e flexível, dependente da interação que é estabelecida entre sujeito e meio físico, cultural, e social, em especial de suas relações consigo próprio e com o outro.

De uma perspectiva próxima a essa última posição, Oliveira, & Macedo (2011, p. 988) afirmam que a resiliência não está situada *à priori* no sujeito, mas sim na “[...] perturbação do sistema cognitivo, gerada pela constatação da insuficiência de esquemas [intelectuais] para resolução de conflitos, o que obriga a construção de fatores resilientes”.

De acordo com os autores, a constituição da resiliência faz parte do processo de equilíbrio, desequilíbrio e equilíbrio intelectual, em que uma perturbação cognitiva de um indivíduo ou de um grupo o leva à busca de soluções. Diante de uma situação interpretada como um problema, o indivíduo/grupo cria estratégias para sua superação e, por consequência, entra em processo de resiliência quando busca reorganizar seus esquemas mentais para esse enfrentamento (Oliveira, & Macedo, 2011).

Sapienza, & Pedromônico (2005) afirmam que o processo de resiliência implica o uso dos fatores protetivos disponíveis pelos indivíduos em cada momento de sua vida. São recursos pessoais, culturais e sociais que neutralizam o impacto das situações-problema ou de risco que enfrentam. Os fatores de proteção servem de escudo em situações de exposição aos riscos aos quais nos expomos, como o “suporte social” e o “autoconceito positivo”. Dentre as funções dos fatores protetivos, destacam-se estabelecer e manter a auto-estima e a auto-eficácia dos indivíduos, reduzir os impactos das situações de risco, assim como criar habilidade para reverter seus efeitos negativos para o desenvolvimento pessoal.

Para Taboada, Legal, & Machado (2006), os fatores de risco estão associados a eventos negativos que aumentam a probabilidade de os indivíduos apresentarem problemas físicos, psicológicos, intelectuais e sociais. Todavia, é importante esclarecer que as situações-problema se tornam fatores de risco, que afetam o desenvolvimento do indivíduo, dependendo de como esses eventos são interpretados e enfrentados. Em outras palavras, depende se o indivíduo tem condições ou não de, em um determinado momento, valer-se de seus recursos protetivos – habilidades e capacidades afetivas, cognitivas, sociais, culturais, físicas, entre outras – nesse enfrentamento.

Vários estudos (Trombeta, & Guzzo, 2002; Taboada, Legal, & Machado, 2006; Oliveira, & Macedo, 2011) indicam que os diferentes espaços sociais que o indivíduo ocupa podem se converter em fatores de risco e/ou de proteção, dependendo do grau de intensidade com que é sentida a adversidade pelo indivíduo e da maneira como lida com a situação. Instituições sociais como família, educação formal, amigos ou religião podem apresentar diferentes significados para o sujeito, apresentando-se em determinados momentos como fonte de risco ou de proteção em seu processo de resiliência. Poletto, & Koller (2011) destacam o caráter dinâmico, provisório e processual da resiliência e dos fatores de risco e proteção que a favorecem ou desfavorecem.

Em países da Europa, assim como Estados Unidos e Canadá, o conceito de resiliência vem sendo não somente bastante utilizado como também vulgarizado e banalizado pela mídia, ao aplicá-lo com excesso a casos relacionados a celebridades. A pesquisa de Martineau (1999), citada por Yunes (2003), mostra como os famosos têm recebido o título de resilientes e não-resilientes, dependendo da maneira como enfrentam suas dificuldades pessoais ou de sua carreira. “Pessoas ou coisas (desde pneus de carros até cremes para a pele), que tanto resistem como provocam mudanças, também são descritas como resilientes nos comerciais de jornais ou [televisão]” (Yunes, 2003, p. 76).

Enquanto em outros países, a resiliência já é utilizada em várias áreas de mídia e do conhecimento científico, no Brasil o avanço dos estudos sobre esse tema vêm se desenvolvendo vagarosamente. Em nosso país, o conceito passou a ser utilizado somente no final de 1990, a partir de matérias de auto-ajuda veiculadas na mídia e direcionadas ao público leigo. Até esse período, a resiliência não fazia parte do vocabulário coloquial ou científico brasileiro. As informações sobre o tema restringiam-se ao dicionário de língua portuguesa, cuja referência era feita apenas à resistência de materiais (definição técnica da Física) e nada era especificado em relação à compreensão de resiliência dirigida às pessoas (Brandão, Mahfoud, & Nascimento, 2011).

Apesar dos estraves na compreensão do conceito (relacionados a distorções e banalizações), pesquisas recentes indicam que a resiliência tem se tornado um dos temas de pesquisas brasileiras em todas as faixas etárias. Tendo em vista a polissemia do conceito de resiliência, considera-se oportuno investigar quais os sentidos utilizados nos estudos sobre envelhecimento e idosos realizados por pesquisadores brasileiros.

Por essa razão, neste artigo, investigou-se a presença da combinação dos temas resiliência e idoso nas produções acadêmicas nacionais, destacando-se dissertações, teses e artigos de periódicos científicos encontrados em bancos de dados disponíveis na *web*.

Método e procedimentos da pesquisa

Desenvolveu-se um estudo bibliográfico conforme as etapas sugeridas por Lara e Molina (2011): identificação, localização, compilação e fichamento. A primeira referiu-se à identificação das fontes a serem investigadas; na segunda, localizaram-se e selecionaram-se os bancos de dados da *web* para obtenção das informações; na terceira, reuniu-se e realizou-se a leitura flutuante do material encontrado; na quarta etapa, após leitura focada realizaram-se anotações e fichamento do material recolhido.

Para análise e interpretação dessas informações, realizaram-se leituras exaustivas dos materiais e identificação de suas peculiaridades como regularidades, contradições, oposições e omissões de ideias e conceitos. Após a leitura integral do conjunto desses trabalhos – doze estudos – a interpretação de suas informações foi desenvolvida à luz dos conceitos de resiliência e idoso, presentes em autores de referência das duas áreas. Para apresentação dos dados, tomou-se como base a organização de revisões anteriores como as de Rebeiro (2012) e Carvalho (2013). Para a apresentação dos achados, na revisão priorizaram-se os seguintes aspectos encontrados na maioria dos trabalhos investigados: conceituação de resiliência e suas relações com o envelhecimento, bem-estar psicológico do idoso e redes de apoio/suporte social, vulnerabilidade dos idosos, espiritualidade e resiliência, convergência entre exercícios físicos e altos escores de resiliência, relações entre educação não-formal, velhice e resiliência do idoso.

Para a identificação da produção acadêmica brasileira sobre o tema resiliência e envelhecimento, utilizaram-se combinações das duas palavras e algumas de suas derivações como idoso, terceira idade, velhice e velho. A busca¹ foi relativa aos últimos quinze anos, 2000 a 2015, concentrada na produção científica brasileira como uma forma de conhecer sua amplitude e limitações até este momento. A data de início da busca foi definida em razão da primeira data em que aparece o tema da resiliência na produção acadêmica brasileira, conforme a literatura especializada (Brandão, Mahfoud, & Nascimento, 2011).

¹ A busca foi realizada nos dias 14 e 15 de abril de 2015.

A busca foi efetivada no Banco de Teses e Dissertações Nacionais (BDTD) e no acervo de periódicos científicos SCIELO (Scientific Electronic Library Online), selecionados por sua relevância nacional e internacional.

Resultados e Discussão

Nos últimos quinze anos contemplados por esta revisão bibliográfica, foram encontrados doze trabalhos que abordam simultaneamente os temas idosos e resiliência. Nos bancos de dados utilizados para a pesquisa, identificaram-se quatro artigos, cinco dissertações e três teses (Quadro 1).

Palavras-chave	Número de trabalhos encontrados	Artigos	Dissertações	Teses
Resiliência e idoso	Onze trabalhos	Laranjeira (2007); Ferreira, Santos, & Maia, (2012); Sousa, & Miranda, (2015)	Boaretto (2005); Silva (2006); Couto (2007); Rech, (2007); Balbé (2011).	Rosa (2007); Roque (2012); Nadaf (2013).
Resiliência e velhice	Um trabalho	Rodrigues, & Neri (2012)		
Resiliência e terceira idade	Nenhum trabalho			
Resiliência e velho	Nenhum trabalho			
Resiliente e idoso	Nenhum trabalho			
Resiliente e velho	Nenhum trabalho			
Resiliente e terceira idade	Nenhum trabalho			
Resiliente e velhice	Nenhum trabalho			

Quadro 1 – Revisão bibliográfica 2000-2015

Fonte: Dados da pesquisa

Com a combinação das palavras-chave resiliência e idoso, encontramos três teses de doutorado (Rosa, 2007; Roque, 2012; Nadaf, 2013), cinco dissertações de mestrado (Boaretto, 2005; Silva, 2006; Couto, 2007; Rech, 2007; Balbé, 2011) e três artigos (Laranjeira, 2007; Ferreira, Santos, & Maia, 2012; Sousa, & Miranda, 2015). Com as palavras-chave resiliência e velhice, encontramos apenas um artigo (Rodrigues, & Neri, 2012) e nenhuma tese ou dissertação; resultado similar ao das palavras-chave: resiliência e terceira idade; resiliência e velho; resiliente e idoso; resiliente e velho; resiliente e terceira idade; resiliente e velhice, sobre os quais não encontramos nenhum trabalho (Quadro 1).

Com esses trabalhos em mãos, foi organizado o primeiro grupo, abrangendo-se o tema resiliência e velhice com três pesquisas. A dissertação de Boaretto (2005), com o título *Velhos à margem das ruas: a experiência de uma moradia provisória no município de São Paulo* apresentou como objetivo analisar a efetivação de políticas públicas para idosos de rua. O trabalho foi realizado com idosos que viveram parte de suas vidas nas ruas e que depois foram encaminhados para o projeto de moradia provisória no município de São Paulo, denominado Casa-Lar e Convivência São Vicente de Paula. Entre os resultados da pesquisa, a autora observou que os idosos ex-moradores de rua apresentaram altos escores de resiliência, pois sempre buscaram estratégias de enfrentamento para as condições precárias em que viviam.

O artigo *Do vulnerável ao ser resiliente envelhecer: revisão de literatura*, escrito por Laranjeira (2007, p. 327) objetivou investigar “a produção científica em periódicos indexados nas bases de dados internacionais Medline, Lilacs, PsycINFO sobre o conceito resiliência, no período de 1994-2004, e analisar a contribuição dessa literatura na especificidade do indivíduo idoso”. O autor constatou que a maioria dos periódicos encontrados foram produzidos em língua inglesa, relacionando resiliência e idoso, e tendem a conceituar a expressão “velhice bem-sucedida”, que significa ausência de doença ou invalidez, elevado nível de funcionamento psicológico e mental e inserção social.

A dissertação de Rech (2007), intitulada *A resiliência em idosos e sua relação com variáveis sociodemográficas e funções cognitivas* apresentou como intuito investigar as relações da resiliência no idoso com as funções cognitivas e as variáveis sociodemográficas: gênero, escolaridade e renda. A análise dos dados indicou que, quanto maiores escores de resiliência, maiores são os escores de desempenho cognitivo. Além disso, a autora constatou que não há relação entre resiliência e as variáveis sociodemográficas citadas.

No primeiro grupo de trabalhos, observou-se que um dos pontos comuns entre eles, refere-se ao conceito de resiliência e suas relações com a velhice. Para as autoras (Rech, 2007; e Boaretto, 2005), as probabilidades de ocorrência de eventos inesperados aumentam com o avanço da idade e isso faz com que na velhice sejam criados recursos cognitivos e afetivos internos para manter o bem-estar psicológico.

As conclusões desses trabalhos remetem ao escrito por Rech (2007, p. 17), quando afirma que a “[...] velhice é frequentemente descrita por diminuição das reservas, em virtude das múltiplas perdas que ocorrem simultaneamente ou sucessivamente no decorrer de um curto período de tempo”. Eventos negativos, como a morte do cônjuge e/ou de amigos, declínio da saúde e funcionalidade física, perda de *status* social e proximidade crescente da morte tornam-se predominantes com o avanço da idade. Assim, “consideradas em conjunto, essas perspectivas de risco e desafios sugerem que é necessário aumento na capacidade de reservas e da resiliência na velhice para que o funcionamento adaptativo possa ser manter”.

Também para Boaretto (2005), na velhice “é necessário aumentar a capacidade de resiliência” devido às várias perdas (físicas, de familiares e amigos) vivenciadas.

O segundo grupo é composto por cinco trabalhos que abordam a velhice e sua relação com as redes de apoio social como espaços que colaboram para a manutenção do bem-estar psicológico em idosos expostos a eventos estressantes. De acordo com Couto, Novo, & Koller (2011), a rede de apoio social, ou o suporte social, são entendidos como sinônimos. Para Brito, & Koller (1999), a família e amigos fornecem apoio às pessoas idosas nos mais diversos eventos da vida. Nesse sentido, “a rede de apoio social [subsidi]a formas [para] a pessoa percebe[r] o seu mundo e se orienta[r] nele, bem como estratégias e competências para estabelecer relações e enfrentar adversidades” (Couto, 2007, p. 31). Como será descrito a seguir, na dissertação de Couto (2007), observamos que os cônjuges, filhos/as irmãos/as dos idosos constituem rede ou suporte social. No trabalho de Rosa (2007), e Ferreira, Santos, & Maia (2012), a rede de apoio refere-se a amigos e à família do idoso. O estudo de Roque (2012) mostra a escola, a igreja e os grupos de ajuda. E a dissertação de Nadaf (2013) trabalha com o suporte social familiar.

A dissertação de Couto (2007), intitulada *Fatores de risco e de proteção na promoção da resiliência e do envelhecimento*, teve o intuito de investigar como as variáveis rede de apoio social e resiliência articulam-se para a manutenção do bem-estar psicológico em idosos expostos à situação de ageísmo (discriminação em relação ao idoso) e a eventos estressantes.

Os resultados da pesquisa indicaram que as redes de apoio social são capazes de promover o bem-estar e a resiliência em idosos. Dessa maneira, diante de eventos estressantes, os sujeitos são capazes de minimizar os efeitos negativos para sua vida.

O estudo de Rosa (2007) intitulado *Estudos sobre os fatores associados à depressão em idosos da comunidade de Barra Funda, RS, Brasil* objetivou identificar os fatores associados à depressão em idosos do município de Barra-Funda, RS. Entre os dados encontrados, constatou-se que os sujeitos investigados apresentavam baixa prevalência de depressão e altas condições resilientes. Justifica-se o fato, pois essa população apresentava elevado bem-estar espiritual e satisfação com o apoio social. É importante destacar ainda que para Rosa (2007, p. 21), a espiritualidade é mais abrangente que a religião. Dessa maneira, é possível que uma pessoa tenha espiritualidade sem ter religião. “O termo espiritualidade vem do latim *spiritus*, que significa sopro da vida. Envolve a busca por um significado na vida por meio de conceitos que transcendem o tangível [...] Pode ser ainda ser entendida como filosofia de vida que pode ou não incluir como religião”.

O artigo *Resiliência em idosos na Rede de Atenção Básica de Saúde em município do nordeste brasileiro*, de Ferreira, Santos, & Maia (2012), teve como intuito avaliar a capacidade de resiliência, auto-estima e apoio social em idosos usuários da rede pública do município de Natal, RN. Os resultados indicam correlação entre autoestima e resiliência e que as redes de apoio social auxiliam os idosos a enfrentar os problemas/dificuldades que permeiam o processo de envelhecimento.

A dissertação de Roque (2013), com o título *Resiliência e apoio em idosos: uma interface com a qualidade de vida*, objetivou investigar a relação entre resiliência, apoio social e qualidade de vida. O estudo foi realizado com idosos frequentadores do Centro de Convivência para Idosos e do Restaurante Popular. Entre os resultados, a autora constatou que as perdas advindas do processo de envelhecimento podem ser compensadas através de fatores protetores como as redes de apoio social.

A tese de Nadaf (2013), intitulada *A resiliência: um processo potencial de proteção e adaptação do bem-estar psicológico na velhice*, objetivou analisar as ligações existentes entre a capacidade da resiliência e a percepção do estresse como componente cognitivo do bem-estar subjetivo.

Os dados da pesquisa indicaram que a resiliência constitui-se uma estratégia fundamental para a vida após os 60 anos, isso porque são vários os fatores de risco enfrentados durante o processo de envelhecimento (perdas físicas, de entes queridos e amigos). Além disso, a autora constatou que as redes de apoio social são potencializadoras da resiliência.

Os trabalhos do grupo dois consideraram que pessoas com suporte social apresentam mais facilidade para lidar com as adversidades, se comparadas com sujeitos que não dispõem de tal amparo. Essas conclusões convergem com os estudos de Rosa (2007): as redes sociais de apoio auxiliam os idosos a melhorar sua auto-estima, pois eles podem sentir-se mais amados e seguros para lidar com os problemas de saúde física e mental.

Nessa mesma linha de raciocínio, Couto (2007) afirma que as redes de apoio social encorajam os indivíduos a lidar com as adversidades, pois, ao compartilharem com amigos suas angústias, os idosos sentem que não estão sozinhos para enfrentar as dificuldades do cotidiano. Roque (2013, p. 24) também confirma os escritos anteriores, ao afirmar que a rede de apoio social “parece minimizar os efeitos negativos do envelhecimento, constituindo-se, por isso, em fator de proteção para a população idosa”.

Para Ferreira, Santos, & Maia (2012, p. 332), “idosos com uma rede social de apoio mais desenvolvida, e com mais recursos psicológicos e sociais, usam de estratégias de adaptação mais ricas e saudáveis ao desenvolvimento”. Nadaf (2013, p. 121) afirma que “a resiliência é uma maneira de sobreviver e está relacionada à integridade, à adaptabilidade e à tenacidade, sobretudo quando beneficiada por elementos protetivos como a auto-estima e o apoio social”.

O terceiro grupo é composto por um estudo que discute a vulnerabilidade no idoso. O periódico de Rodrigues, & Neri (2012), com o título *Vulnerabilidade social, individual e pragmática em idosos de comunidade: dados do estudo FIBRA, Campinas, SP, Brasil* apresentou como objetivo investigar relações entre vulnerabilidade social, individual e programática em idosos com mais de 65 anos. Em relação ao conceito vulnerabilidade, as autoras o definem como “[...] o estado de indivíduos ou grupos que, por alguma razão, pode[m] apresentar dificuldades para proteger seus interesses devido a *deficits* de poder, inteligência, educação, recursos, forças ou atributos”. De acordo com Rodrigues, & Neri (2012), o conceito pode ser dividido em três categorias: vulnerabilidade individual, social e pragmática. A individual “compreende os aspectos biológico, emocionais, cognitivos, atitudinais e referentes às relações sociais”.

A categoria social “... é caracterizada por aspectos culturais, sociais, econômicos que determinam a oportunidade de acesso aos bens e serviços”. E a vulnerabilidade pragmática “são os recursos necessários para a proteção dos indivíduos a riscos à integridade e ao bem-estar físico, psicológico e social” (Rodrigues, & Neri, 2012, p. 2129). Os resultados encontrados pelas autoras não mostraram valores significativos em relação aos indicadores de invulnerabilidade individual, pois poucos idosos precisavam de ajuda para executar suas atividades diárias e a maioria apresentou bons níveis de avaliação de saúde e de suporte social. Entre os idosos investigados, a vulnerabilidade social relacionou-se à dependência de um sistema público ou privado de saúde.

A conclusão deste estudo confirma as obtidas por Rodrigues, & Neri (2012, p. 2133) para quem “quanto maior a vulnerabilidade social de uma região, menor a renda familiar e mais idosos dependiam do serviço SUS”. Entre os idosos investigados, as autoras constataram baixa dependência do serviço público de saúde. E, por fim, a vulnerabilidade programática associou-se às variáveis indicadoras da vulnerabilidade social, pois no estudo realizado o bem-estar físico esteve relacionado a atendimento público ou privado de saúde. Em linhas gerais, as autoras evidenciaram que as condições sociais nas quais o idoso está inserido, aliadas a sua renda financeira familiar, convergem, ou não, para situações de vulnerabilidade na terceira idade.

O quarto grupo contempla apenas um trabalho que discute a relação entre resiliência e espiritualidade. O trabalho de Silva (2006) intitulado *Envelhecimento: resiliência e espiritualidade* evidencia a espiritualidade como forte sinalizador da resiliência. Ao se ancorarem em princípios espirituais, os idosos demonstram maiores forças para enfrentar as dificuldades do cotidiano. Assim como observamos em Rosa (2007), a espiritualidade, para Silva (2006), corresponde a algo para além da religião ou do supra-natural.

O quinto grupo também é composto por um trabalho que discute a relação entre exercício físico e resiliência. A dissertação de Balbé (2011), com o título *Fatores associados à resiliência entre idosas praticantes e não praticantes de exercício físico*, afirma que idosas que fazem exercícios físicos tendem a apresentar maiores escores de resiliência, pois esse tipo de atividade reduz o consumo de medicamentos e auxilia na auto-estima e bom-humor.

O sexto grupo corresponde também a um artigo de Souza, & Miranda (2015), intitulado *Envelhecimento e Educação para resiliência no idoso*, que discute teoricamente relações entre velhice, educação e resiliência.

Para as autoras, a educação informal pode consolidar capacidades e potencialidades específicas dos sujeitos, contribuindo, assim, para a superação das dificuldades do cotidiano.

Com base na revisão da literatura de referência, constata-se que redes de apoio social têm se mostrado como importante espaço para o fortalecimento do idoso diante das dificuldades do seu cotidiano. Reiterando essas afirmações, os estudos de Couto (2007), Rosa (2007), Couto, Novo e Koller (2011) mostram que essas redes constituem um moderador da relação entre os eventos estressantes e o bem-estar do idoso. Conforme o trabalho dos autores, “neste caso, a rede de apoio social teria uma função de proteção. Em relação à resiliência, a rede de apoio social seria capaz de potencializá-la” (Couto, Novo, & Koller, 2011, pp. 41-42).

Além disso, embora apenas um trabalho (Silva, 2006) tenha comentado diretamente a relação entre a espiritualidade dos idosos e sua resiliência, outros estudos de referência como os de Rosa (2007) e Cardoso, & Ferreira (2009) evidenciam que a fé é um dos principais motores que guiam alguns idosos para enfrentar os problemas advindos com o processo de envelhecimento.

Observa-se ainda que, embora o artigo de Miranda e Souza (2015), que atuam em uma Universidade Aberta à Terceira Idade, não se refiram diretamente a este espaço supõe-se que este tipo de instituição, ao adotarem os pressupostos da educação não-formal, possibilitam aos idosos trocas afetivas, cognitivas e sociais com os professores e colegas, influenciando positivamente seu bem-estar geral.

Por último, pode-se afirmar que, em todos os trabalhos, os idosos são apresentados como agentes de suas vidas e não condenados a sofrer passivamente os impactos negativos advindos do avanço da idade. Os trabalhos em seu conjunto salientam a importância do desenvolvimento e prolongamento da autonomia física, intelectual e afetiva dos idosos como recursos significativos para uma resposta resiliente desses indivíduos às circunstâncias negativas de suas vidas.

Considerações Finais

Ao final do cumprimento do objetivo deste artigo de revisão, constatou-se a reduzida e bastante recente produção acadêmica brasileira sobre resiliência em idosos.

Verificou-se também que a quase totalidade dos achados foi realizada predominantemente por pesquisadores das áreas da Psicologia, Enfermagem e Educação Física, além de alguns trabalhos na área da Gerontologia.

Essa constatação revela uma lacuna na produção acadêmica da área da Educação relativa aos idosos e seu processo de resiliência. Supõe-se que esta lacuna deva ser preenchida uma vez que o crescimento da população idosa torna a prestação de serviços educativos uma necessidade também crescente. Isso implica em formação de educadores aptos a compreender o processo de desenvolvimento e aprendizagem dessa faixa etária ainda não presente nos currículos dos cursos de Pedagogia.

Na medida em que os idosos retomam ou iniciam seus estudos, é exigida a qualificação adequada de profissionais, a fim de atender as demandas didáticas, teóricas e metodológicas adequadas para esta população. Esta constatação é apoiada nas conclusões dos trabalhos produzidos em nosso país nos últimos dez anos sobre as relações significativas entre desenvolvimento dos idosos em diversos campos, como o intelectual, o físico e o social, para ampliação de seus recursos de resiliência diante das dificuldades que precisam enfrentar.

A maioria dos trabalhos (Couto, 2007; Rosa, 2007; Ferreira, Oliveira, & Maia, 2012; Nadaf, 2013; Roque, 2013), encontrados na revisão, consideram o desenvolvimento dos recursos de resiliência relevantes para o idoso lidar com as adversidades de seu processo de envelhecimento de maneira saudável para ele. Esses estudos insistem na importância da formação de redes e espaços de apoio que ofereçam segurança e estabilidade e fortaleçam os idosos para a resolução de suas dificuldades com autonomia o maior tempo possível.

Embora não tenhamos realizado a revisão na literatura norte-americana, os resultados encontrados permitem concluir que o desenvolvimento do processo de resiliência parece ser, portanto, um dos campos de estudo relevantes para o atendimento satisfatório dos idosos em crescimento vertiginoso no Brasil, entre tantos outros. Por essa razão, o presente artigo é também um convite aos pesquisadores, em particular da área da Educação, a aprofundarem as convergências entre idoso e resiliência, a partir de pesquisas teóricas e empíricas.

Referências

Balbé, G. P. (2011). *Fatores associados à resiliência entre idosas praticantes e não praticantes de exercício físico*. (110 f.). Dissertação de mestrado em Ciências do Movimento Humano. Florianópolis, SC: Universidade de Santa Catarina.

Boaretto, R. C. (2005). *Velhos à margem das ruas: a experiência de uma moradia provisória no município de São Paulo*. (191 f.). Dissertação de mestrado em Gerontologia. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas.

Bowlby, J. (1984). *Apego e perda*. São Paulo, SP: Martins Fontes.

Brandão, J., Mahfould, M., & Nascimento, I. F. (2011). A construção do conceito resiliência em psicologia: discutindo as origens. *Ribeirão Preto, SP: Paideia*, 21(49), 263-271. Recuperado em 01 março, 2015, de: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v21n49/14.pdf>.

Brito, R. C., & Koller, S. (1999). *O mundo social da criança: natureza e cultura em ação*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.

Cardoso, M. C. S., & Ferreira, M. C. (2009). Envolvimento religioso e bem-estar subjetivo em idosos. Brasília, DF: *Psicologia, Ciência e Profissão*, 29(2), 380-393. Recuperado em 01 março, 2015, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932009000200013>.

Carvalho, L. R. R. (2013). *Oficinas com o jogo Set na sala de apoio à aprendizagem como espaço para pensar a resiliência*. (186 f.). Dissertação de mestrado em Educação. Londrina, PR: Universidade Estadual de Londrina.

Codo, B. (2012). *Número de idosos no Brasil vai quadruplicar até 2060, diz IBGE*. Recuperado em 20 fevereiro, 2016, de: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/08/130829_demografia_ibge_populacao_brasil_lgb.shtml.

Couto, M. C. P. P. (2007). *Fatores de risco e de proteção na promoção da resiliência e do envelhecimento*. (144 f.). Dissertação de mestrado em Psicologia. Porto Alegre, RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Couto, M. C. P., Novo, R. F., & Koller, S. H. (2011). Relações entre rede de apoio social, bem-estar psicológico e resiliência na velhice. In: Falcão, D. V. S., & Araújo, L. F. (Orgs.). *Psicologia do envelhecimento*. Campinas, SP: Alínea.

Falcão, D. V. S., Frauzino, K. L., & Fratezi, F. R. (2011). Avaliação do bem-estar subjetivo de idosos no ambiente rural. In: Falcão, D. V. S., & Araújo, L. F. (Orgs.). *Psicologia do envelhecimento*. Campinas, SP: Alínea.

Ferreira, C. L. Santos, L. M. O., & Maia, E. M. C. (2012). Resiliência em idosos na rede de atenção básica de saúde em município do nordeste brasileiro. São Paulo, SP: *Revista Esc. Enferm. USP*, 46(2), 328-234. Recuperado em 01 março, 2015, de: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v46n2/a09v46n2.pdf>.

Gomes, G. A. de O. (2010). Fragilidade biológica, resiliência psicológica e atividade física. *Revista Kairós Gerontologia*, 13(Número Especial 7, "Resiliência e Velhice"), 41-50. Recuperado em 01 março, 2015, de: <file:///C:/Users/Dados/Downloads/3921-9109-1-SM.pdf>.

IBGE. (2015). *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*. Recuperado em 20 janeiro, 2015, de: <http://www.ibge.gov.br/home/>.

Laranjeira, C. A. S. (2007). Do vulnerável ao ser resiliente envelhecer: revisão da literatura. Brasília, DF: *Psicologia: teoria e pesquisa*, 23(3), 327-332. Recuperado em 01 março, 2015, de: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v23n3/a12v23n3.pdf>.

Lara, Â. M. B., & Molina, A. A. (2011) Pesquisa qualitativa: apontamentos, conceitos e tipologias. In: Toledo, C. A. A., & Gonzaga, M. T. C. (Orgs.). *Metodologia e técnicas de pesquisa nas áreas de Ciências Humanas*. Maringá, PR: Eduem.

- Libório, R. M. C., Castro, B. M., & Coêlho, A. E. L. (2011). Escola: risco ou proteção para adolescentes e jovens? *In: Dell'aglio, D. D., & Koller, S. H. (Orgs.). Adolescência e Juventude: vulnerabilidade e contexto de proteção.* São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Maia, E. M. C., & Ferreira, C. L. (2011). Envelhecimento e desafios adaptativos: a resiliência e os mecanismos de proteção como mediadores nesse processo. *In: Falcão, D. V. S., & Araújo, L. F. (Orgs.). Psicologia do envelhecimento.* Campinas (SP): Alínea.
- Nadaf, V. C. (2013). *A resiliência: um processo potencial de proteção e adaptação do bem-estar psicológico na velhice.* (269 f.). Tese de doutorado em Psicologia Social, João Pessoa, PB: Universidade Federal da Paraíba.
- Oliveira, F. N., & Macedo, L. (2011). Resiliência e insucesso escolar: uma reflexão sobre as salas de apoio à aprendizagem. Rio de Janeiro, RJ: *Revista Estudos e Pesquisa em Psicologia, 11(3)*, 983-1004. Recuperado em 01 março, 2015, de: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/8347>.
- Patrocínio, W. P. (2010). Vulnerabilidade social, velhice e resiliência. *Revista Kairós Gerontologia, 13*(Número Especial 7, "Resiliência e Velhice"), 31-40. Recuperado em 01 março, 2015, de: <file:///C:/Users/Dados/Downloads/3920-9107-1-SM.pdf>.
- Poletto, M., Wagner, T. M., & Koller, S. H. (2004). Resiliência e desenvolvimento infantil de crianças que cuidam de crianças: uma visão em perspectiva. São Paulo (SP): *Psicologia Teoria e Prática, 20(3)*, 241-250.
- Rebeiro, G. B. F. (2012). *Fatores protetivos e o jogo de regras Rummikub: um estudo com alunos do 6º ano do Ensino Fundamental.* (119 f.) Dissertação de mestrado em Educação. Londrina, PR: Universidade Estadual de Londrina.
- Rech, T. F. (2007). *A resiliência em idosos e sua relação com variáveis sociodemográficas e funções cognitivas.* (108 f.). Dissertação de mestrado em Ciências da Saúde. Porto Alegre, RS: Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- Rodrigues, N. O., & Neri, A. L. (2012). Vulnerabilidade social, individual e programática em idosos da comunidade: dados do estudo FIBRA, Campinas, SP, Brasil. Rio de Janeiro, RJ: *Ciência & Saúde Coletiva, 17(8)*, 2129-2139. Recuperado em 01 março, 2015, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232012000800023>.
- Roque, S. N. (2013). Resiliência e apoio social em idosos: uma interface com a qualidade de vida. (266 f.) Tese de doutorado em Psicologia Social. João Pessoa, PB: Universidade Federal da Paraíba.
- Rosa, P. V. (2007). *Estudo sobre fatores associados à depressão em idosos na comunidade de Barra Funda, RS, Brasil.* (81 f.). Tese de doutorado em Geriatria e Gerontologia. Porto Alegre, RS: Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- Sapienza, G., & Pedromônico, M. R. M. (2005). Risco, proteção e resiliência no desenvolvimento da criança e do adolescente. Maringá, PR: *Revista Psicologia em Estudo, 10(2)*, 209-216. Recuperado em 01 março, 2015, de: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v10n2/v10n2a07.pdf>.
- Silva, A. I. (2006). *Envelhecimento: resiliência e espiritualidade.* (149 f.). Dissertação de mestrado em Gerontologia. Brasília, DF: Universidade Católica de Brasília.
- Sousa, C. S., & Miranda, F. R. (2015). Envelhecimento e educação para a resiliência no idoso. Porto Alegre, RS: *Educação e realidade, 40(1)*, 33-51. Recuperado em 01 março, 2015, de: <http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/45562>.

- Souza, M. T. S. & Cervený, C. M. (2006). Resiliência psicológica: revisão da literatura e análise da produção científica. Flórida (EUA): *Revista Interamericana de Psicologia*, 20(1), 115-122.
- Taboada, N., Legal, E., & Machado, N. (2006). Resiliência em busca de um conceito. São Paulo, SP: *Revista Bras. Crescimento Desenvolvimento Humano*, 16(3), 104-113. Recuperado em 01 março 2015, de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822006000300012.
- Trombeta, L. H., & Guzzo, R. S. L. (2002). *Enfrentando o cotidiano adverso: estudos sobre resiliência em adolescentes*. Campinas, SP: Alínea.
- Ventury, G., & Bokany, V. (2007). A velhice no Brasil: contrastes entre o vivido e o imaginário. SESC-SP. (Org.). *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. São Paulo (SP): Fundação Perseu Abramo.
- Vieira, S. P. (2010). Resiliência como força interna. *Revista Kairós Gerontologia*, 13(Número Especial 7, "Resiliência e Velhice"), 21-30. Recuperado em 01 março, 2015, de: <file:///C:/Users/Dados/Downloads/3919-9105-1-SM.pdf>.
- Yunes, M. Â. M. (2003). Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. Maringá, PR: *Revista em Estudo*, 8(1), 75-84. Recuperado em 01 março, 2015, de: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v8nspe/v8nesa10.pdf>.

Recebido em 22/05/2015

Aceito em 31/01/2016

Mariana Costa do Nascimento - Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPE/UEM). Participante do Grupo de Estudos, Aprendizagem e Cultura (GEPAC).

E-mail: marianacostadonascimento@gmail.com

Geiva Carolina Calsa - Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação/UEM. Doutora em Educação. Psicopedagoga pelo Centro de Estudos de Curitiba, CEP. Curitiba, PR. Líder do Grupo de Estudos, Aprendizagem e Cultura (GEPAC).

E-mail: gccalsa@hotmail.com